

CONTEM



PORANEA

CONTEM PORANEA - Lisboa - Portugal

5 horas

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto . . . A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têm côres
Mais vivas e mais brutais.)

Sobre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber . . .

Sobre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois ha um ano que fumo —
Imaginario presumo
Os meus enredos bizzarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beija-la, claramente . . .)

Um novo freguez que entra
E' novo actor no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro enredo concentra.

E o carmim daquella bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades . . .

(Que história d'Oiro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui heroi de novela
Que autor nenhum empregou . . .)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não ha melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça,
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cubiça.

Do livro de versos deixado
inédito por Mario de Sa
Carneiro «Poemas de Paris»